



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



6

Discurso na cerimônia de liberação de recursos financeiros para a conclusão da obra de duplicação da rodovia Fernão Dias – trecho Minas Gerais

TRÊS CORAÇÕES, MG, 9 DE JULHO DE 2001

Meus caros amigos de Minas Gerais; meu Governador, Eduardo Azedo; Senhores Ministros aqui presentes; Prefeito de Três Corações; Prefeito de Varginha; demais Prefeitos; Senhor General Comandante; Senhores empresários; Senhores Deputados, Líderes, Vereadores; enfim, toda essa gente mineira que aqui está,

É com muita satisfação que venho a Minas mais uma vez. Aliás, venho a Minas com muita freqüência. Quando posso descansar, descanso em Minas, descanso em Buritis, que é do outro lado de Minas Gerais e que me é muito caro.

Eu queria lhes dizer que não é a primeira vez, também, que venho aqui, a esta região. O Plano Real foi lançado no dia 1º de julho de 1994, em Varginha, Prefeito, e depois nós fomos a Poços de Caldas, a Pouso Alegre. Foi dali que o Brasil começou a vislumbrar a possibilidade de ter uma economia estável e, portanto, o Brasil planejar, poder avançar mais.

E se nós, hoje, podemos fazer o que temos feito, primeiro com o Brasil em Ação e o Avança Brasil, agora, foi porque pudemos estabilizar a economia. Ninguém gosta só de estabilizar a economia; essa é a condição necessária. Quando a economia não é estável, o povo sofre, porque a inflação come os salários, mas todo mundo sofre. As obras são desorganizadas, não se tem planejamento possível, os empresários ficam numa aflição, aumentam naturalmente as expectativas, previsão de gastos, porque não se sabe quando se vai receber o dinheiro, se o dinheiro vale ou não vale. Com isso, o Tesouro perde, às vezes o empresário perde também e se estabelece uma grande desordem em todo o país. Por isso, foi necessário estabilizar a economia. Mas não basta, é preciso fazer com que o Brasil se fortaleça, cresça e avance. Daí o nosso Programa Avança Brasil.

Recentemente, estava no Rio de Janeiro, numa pequena solenidade no jornal *O Dia*, que é um jornal do Rio de Janeiro que fazia 50 anos. Então eu disse: "Olha aqui, vamos imaginar o que era o Rio de Janeiro há 50 anos, o que era o Brasil há 50 anos." O Brasil em que eu nasci, eu nasci há muito mais que 50 anos, nasci há 70 anos. Mas, de qualquer maneira, o que era o Brasil há 50 anos, ou um pouquinho antes disso? Quantas estradas havia asfaltadas no Brasil? Eu nasci no Rio de Janeiro, mas meu pai era militar e foi transferido para São Paulo. Então, com muita freqüência, tínhamos essa questão de Rio e de São Paulo. Entre Rio e São Paulo havia um trecho pavimentado, era a Baixada Fluminense. E quando se subia a Serra – chama-se Serra das Araras –, aí acabava o asfalto, depois era um lamaçal, quando chovia, até chegar a São Paulo. Houve épocas em que levávamos dois dias entre São Paulo e Rio, de automóvel, isto nos anos 40. Dois dias entre São Paulo e Rio de Janeiro! No Rio de Janeiro havia uma outra estrada, essa era mais antiga, era até Petrópolis, essa era pavimentada.

Em São Paulo, quando lá cheguei, cheguei em São Paulo em 1940, havia só uma estrada asfaltada, pavimentada, era a recentemente inaugurada São Paulo–Santos. Mais nada. O resto do Brasil era um lamaçal. A um ponto tal que até hoje – agora, não, porque venho de

helicóptero, mas isso acaba já – quando eu ia para Buritis, saía de Brasília e quem guiava o carro era eu, porque ali era um lamaçal tremendo, lá continua assim. Eu guiava o carro, porque aprendi a guiar na lama, é como aquela gente que aprende a guiar na neve, também tem que aprender a guiar na lama. As gerações mais jovens, das cidades, não sabem o que é guiar na lama, é uma tecnologia especial. Isso era o Brasil de ontem, o Brasil da minha infância era assim. Quanto foi feita a estrada, a parte de São Paulo a Campinas, aquilo foi uma coisa extraordinária. A minha mulher é de Araraquara que é uma cidade do interior de São Paulo, e nós nos conhecemos na Faculdade. Então, eu ia a Araraquara mesmo antes de casar. Bom, eu tinha um automovelzinho, era um Opel 39, era um dos poucos que tinham isso, depois foi a era do Volkswagen.

Pois bem, até Campinas maravilha, de Campinas em diante, entre uma cidade chamada São Carlos e Rio Claro – onde nasceu Ulisses Guimarães – existe ali uma pequena serra que nem se nota mais hoje. Aquilo era uma batalha para atravessar, só motorista realmente competente conseguia, em dia de chuva, ultrapassar aquela estrada.

Então, este País fez muita coisa em 50 anos. Fez muita coisa. Nós temos que começar a ter um pouco mais de olhar em retrospectiva e em comparação. Não reclamamos, é óbvio. Reclamamos do quê? Reclamamos que a estrada está mal cuidada, tem má conservação. E tem. O Ministro acaba de dizer que estamos pedindo empréstimo para fazer a conservação. É bom reclamar, é bom fazer, mas é preciso ter sempre um espírito de objetivo. Avançamos ou não? Estamos parados? Estamos regredindo? É inegável que o Brasil está avançando. Está aí o Avança Brasil. O nosso programa de infra-estrutura é ambicioso. O Ministro falou, o Ministro Eliseu Padilha, que aliás tem sido um colosso, um ministro que faz as coisas acontecerem. O Ministro Padilha mostrou, há pouco, o que significa essa estrada Fernão Dias, que é um trecho da rodovia Mercosul. Esse trecho tem mais 500 quilômetros. É o que vai duplicar de Belo Horizonte a São Paulo.

Pois bem, de São Paulo para o Paraná, é a BR-116 – desculpem as memórias, é da idade. Eu ia muito ao Sul do Brasil, quando era

professor na USP, jovem assistente. Naquele tempo, andava-se nas Kombis, naquelas perucas Kombis, que iam assim meio tremelicando, mas eram boas. Para sair de São Paulo a Curitiba era o mesmo problema que descrevi com relação ao Rio de Janeiro/São Paulo, só que mais recentemente, no fim dos anos 50, anos 60. Há uma cidadezinha chamada Apiaí, que é no Vale da Ribeira, quase antes de chegar ao Paraná. Ali era, realmente, um atoleiro de caminhões. Qualquer chuva e a estrada parava. Pois bem, nós estamos duplicando – já foi pavimentada. Estamos duplicando a BR-116.

Depois dessa BR, engata em Curitiba, e já tem um trecho que já está há mais tempo feito, que é de Curitiba até Joinville. Nós já duplicamos o trecho que vai de Joinville a Florianópolis. Está quase terminado, é a BR-101, que era a BR da morte.

Eu já fui com o Ministro Padilha a Osório, lá no Rio Grande do Sul, para ver, na outra ponta, a duplicação que permitirá que as estradas se encontrem. Vamos levar essa estrada até o Chuí, até Jaguarão, na fronteira do Brasil com o Uruguai, por um lado; e do outro lado, vamos levar para Uruguaiana.

Então, se somar tudo isso, é a maior obra viária que existe neste hemisfério. Não há outra. É por isso que demora, porque os bancos têm que emprestar dinheiro, e 1 bilhão de dólares, mesmo para bancos poderosos como o BID, o Banco Mundial, é muito dinheiro. E eles querem saber o impacto ambiental, querem saber se a licitação foi bem feita, querem saber se o aditivo foi correto ou não, tem uma burocracia necessária, porque o vulto da obra é muito grande. Essa é a maior obra viária que existe no hemisfério. Não tem outra comparável a esta rodovia. Mas há outras, no Brasil, quase tão grandes. Não sei de memória, acho que é a 364, que vai lá do Mato Grosso para o Acre, que é uma estrada imensa, toda pavimentada.

Se eu dizia que há 50 anos o Rio e São Paulo eram o que eram, imaginem o Acre, imaginem chegar a Rondônia. Nem se chegava, não existia estrada. E hoje existe estrada que vai do Acre a Manaus também em más condições. Mas, hoje, nós fizemos uma estrada, no meu

governo, nós fizemos uma estrada chamada 174, que vai de Manaus à fronteira da Venezuela. E esta estrada já está engatada com uma estrada asfaltada e vai parar lá na capital da Venezuela, em Caracas. E vai parar em Maiquetia, e vai parar no porto que tem lá, para o fluxo de mercadorias poder, então, sair por aí. Não existia isso.

Nós agora estamos fazendo o Arco Norte, que é a mesma coisa. Estamos fazendo no Amapá. Fizemos uma ponte entre o Amapá e a França, porque o lado de lá é Guiana Francesa, e uma estrada lá em cima. E uma outra estrada para pegar de Roraima, para poder sair por Georgetown. E fizemos uma estrada que liga este Arco lá em cima.

Enfim, o Brasil é imenso, e estamos trabalhando em toda parte. Com dificuldade, com problema orçamentário, com ajuste fiscal, com crise cambial, com crise de energia, com tudo isso, o Brasil avança. Avança por quê? Porque temos a estabilização na economia e porque o Governo é sério e está devotado a resolver as questões de longo prazo que interessam ao Brasil. É isso que temos que fazer, e nunca perder de vista esse sentido de que há um programa.

Os mais incautos nem percebem que há um projeto de desenvolvimento nacional e que há um programa em evolução. Os mais cuidadosos, se se derem ao trabalho de ler a documentação do Avança Brasil, se forem ao Ministério do Planejamento, se forem olhar que essas obras todas são controladas, uma a uma, cada uma tem um gerente de obra, e eu, no meu gabinete, no computador, fico sabendo onde é que está atrasada, por que está atrasada, se foi o dinheiro, não foi o dinheiro. Porque temos um projeto e um programa de infra-estrutura, um plano de desenvolvimento.

Já vi até gente que aspira chegar à Presidência da República e que diz que o Brasil não tem plano de desenvolvimento. Eles transformam a preguiça deles em culpa nacional. Eles não vão lá para ver nada e pensam que não acontece. Não pode. Para a gente poder falar, para poder aspirar a conduzir um país, é preciso ter modéstia, paciência, capacidade de trabalho, olhar o que está acontecendo e não

fazer juízo precipitado. Pode fazer melhor, sim, pode se criticar, aí sim, mas tem que conhecer. O desconhecimento no mundo de hoje é fatal, porque o futuro é o futuro do conhecimento. Quem não sabe não governa. Quem não for capaz de aprender – e capaz não por não ser inteligente, por ser preguiçoso, porque quem quiser aprender aprende – não pode governar.

Então, hoje, temos um outro Brasil. Esse Brasil no qual nasci, que era um Brasil precário, já não é mais o Brasil de hoje. Hoje é um Brasil que tem condições de pensar sobre o seu futuro, que tem condições de saber o que fazer com os recursos, que discute no Congresso, e o Congresso está aqui representado. Discute passo a passo. Discute, e cada deputado tem uma idéia, é normal que tenha. Cada um quer puxar a brasa para sua sardinha, é normal que assim o faça. É da função do deputado representar sua região. Como cada um representa uma, é uma luta, porque o recurso é escasso. Então você tem que saber como é que divide o bolo.

A função do Presidente da República é coordenar isso da melhor maneira, sem sectarismo, pensando no povo. Não pensando no partido político de quem apresentou a emenda, ou do prefeito ou do governador, mas do povo, que é o que realmente vale a pena. É para quem nós temos que trabalhar. Nada pior do que o ressentimento, a mágoa, o desprezo, enfim, uma atitude mesquinha: “Ah, para isso eu não dou porque é contra mim, aquele fez não sei o quê.” Eu não quero nem saber, eu quero saber se a obra é necessária.

Nós mudamos o Brasil. Nós não sou eu, não, o Brasil mudou em muitos aspectos. Um deles, que acho muito importante, é que é um país mais democrático hoje. Sendo um país mais democrático, é um país que demanda mais. Os deputados demandam, os prefeitos demandam, os vereadores demandam, a sociedade civil demanda, as ONGs demandam, o trabalhador, todo mundo demanda. Isso é bom, isso faz parte desse processo de democracia. Mas sendo assim, é ilusório pensar que as decisões possam ou devam concentrar-se num só ponto: Brasília ou Belo Horizonte ou São Paulo.

Hoje, ou existe uma articulação em nível local, ou nada funciona. É preciso entender que os prefeitos, as Câmaras de Vereadores e as organizações da sociedade civil, em nível local, são fundamentais para que as coisas andem. Quer dizer, o dirigente que não dá atenção àquele que é dirigente local é um mau dirigente. Tem que saber ouvir, tem que ir aos lugares, tem que ser bastante interativo com as forças locais para que possa ocorrer, realmente, essa transformação pela qual nós todos estamos, enfim, ansiosos. Mas estamos realizando, apesar de todas as dificuldades que temos.

Agora, um estado como Minas Gerais é um estado essencial para o equilíbrio do Brasil. Eu não preciso ser nenhum grande geopolítico para perceber isso. Em primeiro lugar em termos de população: é o segundo estado mais populoso do Brasil. Em termos de produção, de PIB, do que seja, da mesma maneira. Em termos de dinamismo, meu Deus! Minas se industrializou com uma velocidade extraordinária. Sobrevoando ainda agora Varginha e olhando os arredores, é uma zona bastante industrializada. Ao mesmo tempo não perdeu a característica de produtora agrícola. São o café e o leite as riquezas fundamentais. Só que o café e mesmo o leite, hoje, são produções que agregam conhecimento e valor. Não é mais, como se dizia, a produção primária. Isso é modo de classificar, mas está errado, porque hoje tudo isso está com uma base tecnológica muito avançada. E isso está acontecendo aqui em Minas Gerais. A olho nu se percebe a transformação da base agropecuária de Minas e seu acoplamento correto com a produção industrial.

Mas tem mais. Minas é um estado onde você tem universidade, tem escolas – escolas técnicas. Ainda outro dia, agora, recentemente, em Nepomuceno, o Ministro Paulo Renato esteve para inaugurar uma escola técnica. Então é um estado que tem, realmente, uma capacidade humana muito grande. Tem base para o que é, aquilo que faz a diferença no mundo atual, que é o setor de serviços, que é o setor de incorporação de novas tecnologias, de informática, de comunicação e tudo o mais.

Então, o dirigente brasileiro que não entender que Minas é fundamental para o equilíbrio geopolítico é um mau dirigente. Lendo os

jornais, agora, no avião, um dos jornais dizia: "Ah, o Presidente teve não sei quantos milhões de votos em Minas." Eu sou muito grato a Minas mesmo, sempre tive muitos milhões de votos em Minas, sou muito grato por isso. Então, por isso venho aqui, mas não é só por isso. É por isso também, mas é por outra razão. Mesmo que tivesse perdido em Minas, eu tinha que vir a Minas, como vou nos estados em que perdi e que são estados importantes do Brasil.

O dirigente político tem que ter a noção do peso relativo de cada região do país para o país. E Minas é essencial para que nós possamos ter este programa de grande transformação do Brasil, que é o programa que nós estamos levando adiante, que vai sendo feito com tropeços, porque o mundo moderno é um mundo áspero. É um mundo em que a Turquia tem um problema, ricocheteia na bolsa não sei de onde, bate na Argentina, bate aqui, bate no Chile. Fazer o quê? O mundo é assim, não adianta chorar. Tem-se que ser capaz de superar as crises. Ninguém é capaz de evitá-las, porque elas vêm, e elas são geradas em níveis que não estão ao alcance das nossas mãos. Temos é que ter a capacidade, e, a despeito delas, fazer com que o programa nacional avance.

Agora mesmo, a crise de energia. O que vamos fazer? Cruzar os braços, chorar, aceitar? Não! Reagir, preparar, superar, explicar porque, ver se abrevia. E vamos abreviar. Estamos avançando.

Bom, então o problema do Brasil hoje é que, a despeito de tudo isso, crise aqui, crise acolá, dificuldade, a taxa do crescimento vai ser maior, vai ser menor, nós seguimos avançando. Daí o Avança Brasil. Continuamos progredindo. E o progresso é muito sensível, basta visitar essa importante fábrica – eu não visitei, só entrei no refeitório para ver os trabalhadores que estavam almoçando, não visitei a fábrica –, basta saber a importância dela, basta ouvir o que disse o Ministro, quantos bilhões vão ser investidos aqui nesse eixo. Tudo isso é muito importante. Mas o mais importante, o que nós precisamos, realmente, é desse entrosamento dos vários níveis da administração, precisamente na área social. A grande transformação que está ocorrendo no Brasil é essa.

Eu vi, recentemente, nos jornais, que o Brasil tinha pulado cinco posições no chamado IDH, que é o Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas. Como costuma acontecer quando vem uma notícia que é boa, logo em seguida vem o comentário que é ruim. Então, qual foi o comentário? Compararam o Brasil com a Noruega. Assim não tem graça. A Noruega tem, sei lá, 5, 6 milhões de habitantes, renda *per capita* de 20 mil dólares. O Brasil perderá sempre, porque nós temos 170 milhões de habitantes e renda *per capita* de 4 mil dólares. Não é aí a comparação. A comparação é como era há dez anos, há cinco anos, como é que é hoje. Como é que era há 20 anos, como é que é hoje. Esta, sim, permite comparar. Porque comparar com o que já está muito avançado, há muito tempo, não é comparação, é para perder. Pode até comparar como ambição de chegar lá, mas não é justo como ajuizamento do que aconteceu.

O que aconteceu é que no último relatório da ONU nós saltamos cinco posições. Quem não é afeito a numerologia pensa: "Ah, só cinco"! Mas é muito, porque todos os países estão avançando. Nós avançamos mais depressa do que muitos outros países, de tal maneira que melhoramos cinco pontos no índice geral de classificação, no chamado IDH, que é basicamente composto pelos seguintes fatores: renda *per capita*, taxa média da mortalidade infantil e taxa de escolaridade. Portanto, pega, realmente, o coração da pobreza.

Bom, isso quer dizer que nós acabamos com a pobreza no Brasil? Não. Não quer dizer isto. Ela é muito grande, mas ela era muito maior. Ela era muito maior. Graças à estabilização, nós tiramos uma massa razoável da linha de pobreza, 10 milhões de pessoas, pelo menos, e não voltaram. Isso nunca tinha acontecido no Brasil, sempre se tirava e no ano seguinte vinha uma crise e voltava para a pobreza. O que os dados mostram é que essa massa que saiu com o Plano Real saiu, mesmo, da pobreza.

Segundo lugar, como está havendo mais educação, pela primeira vez se pode dizer que há acesso universal à escola pública no Brasil. Isso quer dizer que para frente vai ser melhor. Por exemplo, neste IDH, um dos índices que pesam, como disse aqui, é a taxa de escola-

ridade. No comentário que li, dizia assim: "O Brasil tem ainda 15% de analfabetos." É verdade, e é péssimo isto. Só que, quando eu nasci, não sei exatamente, deviam ser 60 ou 70% de analfabetos, numa geração ou numa vida senão numa geração. Hoje são 15%, mas isso não é o mais significativo. O mais significativo é que esses 15% são na média nacional. Quando se pega em termos de idade, a taxa dos mais moços é muito menor. Ou seja, no futuro, essa taxa cai fatalmente, porque temos, hoje, 97% das crianças nas escolas. Então, obviamente, está assegurando que num período, daqui a cinco, dez anos, essa taxa vai diminuir e o que sobra dessa porcentagem é o analfabeto residual, que são os mais velhos, que não conseguiram se alfabetizar e que precisam de programas especiais de alfabetização de adultos, mas é um estoque que está sendo diminuído progressivamente.

Pouca gente dá importância, também, ao fato de que na saúde, no Brasil, nós conseguimos universalizar o acesso. Quer dizer, o SUS, hoje, cobre praticamente toda a população brasileira. Isso foi conquista da Constituição de 88, mas quem pôs em prática foi o meu governo. Não existia. Foi meu governo que fez o SUS funcionar. Ah, tem filas no SUS? Tem. Ah, o tratamento é mais ou menos em alguns lugares? Sim. Mas não tinha nada. No passado, repito, quando nasci, eram Santas Casas de Misericórdia, e olhe lá. Não era nada. O pobre não tinha acesso. Agora tem remédio de graça, tem *kit* de remédio de graça. Todo mundo tem acesso? Talvez não. É preciso fazer mais. Mas demos um passo adiante. Mais ainda, é o único país do mundo de condições iguais, que tem tratamento de graça para HIV e Aids. Isso custa, mais ou menos, 1.000 dólares *per capita*, não é brincadeira, é muito dinheiro por mês. São 500 milhões de reais que se gastam para esse tratamento e para a prevenção. Conseguimos diminuir a progressão da Aids: se olharmos as estatísticas há dez anos, isso aqui iria explodir e não explodiu, porque nós hoje estamos dando assistência técnica à África, África do Sul, Zimbábue, Moçambique, em matéria de Aids.

Mais ainda. Se se olhar, como vi outro dia, recentemente, com o Ministro do Desenvolvimento Agrário, o Ministro Raul Jungmann,

nós assentamos, já agora, mais de 500 mil famílias. Isso é o dobro de tudo que tinha sido feito no Brasil até eu entrar no governo. É o dobro de toda a história do Brasil, de 30 anos de reforma agrária. Hoje, os sem-terrás quando vão protestar estão querendo é crédito, ou não pagar o crédito, muitas vezes. Não é terra a mais, a terra já têm, querem mais crédito ou postergar o pagamento do crédito. Mudou. Mudou qualitativamente a demanda, existe ainda quem não tem a terra e precisa de terra, mas o grosso da demanda mudou, a qualidade da demanda. Por quê? Porque o Brasil avançou.

O Ministro Roberto Brant acabou de me dizer que vai chegar aos 20 milhões de beneficiários do INSS esta semana. Vinte milhões de brasileiros vão receber algum benefício do INSS, mas os da parte rural não cotizaram, ou seja, é distribuição de renda líquida, é dinheiro que vai direto de quem paga imposto para quem não tem dinheiro nem paga imposto.

A mesma coisa a bolsa-escola. Até o fim deste ano, vamos ter 11 milhões de crianças recebendo a bolsa-escola, ou seja, 6 milhões de famílias. Leva tempo, porque os prefeitos têm que aderir ao programa, têm que matricular as crianças na escola e elas têm que freqüentar 85% das aulas, mas a mãe da criança vai receber um cartão magnético. Ela receberá o dinheiro diretamente, não terá intermediação política, não terá nada, será direto. Isso vai significar um aumento de renda real para essas famílias, que são as mais pobres do Brasil, de, em média, 15%. É um aumento de renda real acoplado à freqüência à escola.

Bom, isso vai alcançar, como disse, 11 milhões de crianças. Temos cerca de 35 milhões nas escolas públicas brasileiras. Ou seja, 30% das crianças que estão nas escolas, todas as que pertencem a famílias cuja renda *per capita* é de meio salário mínimo, vão ter esse programa de assistência.

Então é preciso que continuemos a ter confiança no Brasil; que continuemos a entender que temos objetivos nacionais, que temos um programa em desenvolvimento e que a estabilização foi condição para fazer o que estamos fazendo: avançar no social. Que a estabilização foi condição para que se pudesse ter um programa de desen-

volvimento de infra-estrutura que está sendo posto em marcha. E, portanto, que este país é um país que tem solução. Quando se olha comparativamente, ele tem dado passos, e alguns passos firmes e consistentes.

Era essa a mensagem de otimismo, apesar de todas as dificuldades, sem negá-las, que queria deixar aqui. E um apelo: vamos continuar a trabalhar juntos – não é pelo Presidente, é pelo Brasil – viver com boa-fé, sem ressentimento, sem mágoa, com generosidade, com esse sentimento de mineiridade, porque o mineiro é generoso. O mineiro não é ressentido, o mineiro sempre foi uma pessoa de coração aberto. É com este mesmo coração que venho aqui, a Minas, e há aqui três corações: o de São Paulo, o de Minas e o do Brasil.

Viva o Brasil!